

JUVENTUDE, EDUCAÇÃO E CULTURA: UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA DE PESCADORES DA COLÔNIA Z3

MILENA RODRIGUES ESTEVÃO¹; FLAVIA MARIA DA SILVA RIETH³

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – estevaomilenar@gmail.com 1

³Universidade Federal de Pelotas – rieth.flaviamaria@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa nasce da experiência de habitar na Colônia de Pescadores Z3, em Pelotas/RS, território marcado pela pesca artesanal, por crises ambientais recorrentes e por fortes vínculos comunitários. A enchente de 2024 foi inicialmente o ponto de partida para refletir sobre impactos socioambientais e práticas de resistência. No entanto, o percurso etnográfico reposicionou o foco para a escola local, que se revela não apenas como espaço de ensino, mas como lugar de memória, sociabilidade e ressignificação cultural. Essa ressignificação ocorre em meio às condições impostas pela crise climática, pelas enchentes que reconfiguram o território e pelas transformações no trabalho da pesca artesanal, processos que atravessam o cotidiano da comunidade. Nesse cenário, torna-se fundamental interrogar o papel da escola na comunidade: como ela se coloca diante das adversidades, que ações de transformação promove e quais processos educativos são mobilizados para articular resistência, pertencimento e construção de futuros possíveis.

Ao pensar a escola como território de encontro entre saberes, a pesquisa dialoga com Paulo Freire (2005), que compreende a educação como prática de liberdade e como processo que reconhece e valoriza a experiência dos sujeitos. Também se inspira em Juarez Dayrell (1996, 2009), ao considerar a escola não como espaço neutro, mas como espaço sociocultural, permeado por conflitos, identidades e negociações. Por fim, a perspectiva etnográfica da duração (Rocha & Ercket, 2013) orienta o olhar para os processos que se desdobram no tempo, permitindo observar a escola em movimento, marcada por permanências e transformações.

Observar a escola da Z3 é, portanto, observar o território em sua complexidade: nela se entrelaçam memórias ambientais e expectativas de futuro, tensões entre trabalho e estudo, saberes locais e saberes escolares. Mais do que transmitir conteúdos, a escola aparece como espaço em que a cultura da pesca, central para a vida da comunidade, é evocada, reinterpretada e, por vezes, silenciada. Essa ressignificação ocorre especialmente diante das condições de crise climática e das enchentes que afetam a comunidade, das transformações no trabalho da pesca artesanal e das novas demandas sociais. Nesse contexto, a escola assume papel estratégico, ao mesmo tempo em que se vê desafiada a construir práticas que articulem resistência cultural, enfrentamento de desigualdades e formação de sujeitos críticos

2. METODOLOGIA

A pesquisa adota a etnografia de duração (Rocha & Erckert, 2012), acompanhando processos ao longo de ciclos escolares e sazonais da pesca. Utiliza descrição densa (Geertz, 1989), observação participante e diário reflexivo, articulados à noção de observação do familiar (Velho, 1978), dada a dupla posição da pesquisadora como moradora e investigadora. O campo concentra-se na escola pública da Colônia Z3, localizada na Avenida Raphael Brusque. Trata-se de uma escola de pequeno porte, onde os espaços são compartilhados de forma multifuncional. As atividades analisadas foram realizadas principalmente na biblioteca, ambiente que, após a enchente de 2024, foi remodelado: recebeu novos livros e mobiliário, constituindo-se como espaço acolhedor, com uma mesa central e cerca de vinte cadeiras, organizada em círculo, rodeada por prateleiras de livros em fileiras. Esse espaço, reconstruído em meio à crise, simboliza tanto a vulnerabilidade quanto a capacidade de ressignificação da instituição escolar. Os sujeitos da pesquisa até o momento incluem estudantes do 9º ano do ensino fundamental e do EJA, bem como, a professora de Sociologia da escola.

A inserção em atividades como o projeto Mostra de Regiões (UFPEl) compõe parte do material de análise, ao lado de entrevistas. Entre elas, destaca-se a realizada com a professora de Sociologia responsável pelos estudantes e que convidou a pesquisadora para acompanhar o projeto, bem como, entrevista com um dos estudantes que participou. Ambas as falas, além de situar a intencionalidade pedagógica das práticas escolares, evidenciam os desafios enfrentados diante das condições da comunidade. Trechos dessas entrevistas são mobilizados nos resultados e discussões, pois oferecem pistas relevantes sobre como a escola tenta mediar as tensões entre crise climática, trabalho da pesca e formação dos jovens. Assim, a metodologia articula acompanhamento etnográfico, observação do cotidiano escolar, análise de atividades pedagógicas e narrativas docentes e discentes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento, a inserção em sala de aula e a participação em projetos escolares evidenciam a escola como espaço onde se entrecruzam memórias ambientais, cultura da pesca e conteúdos formais. A experiência mais significativa foi o acompanhamento do projeto da Mostra de Regiões, em que estudantes do 9º ano do ensino fundamental e do EJA prepararam coletivamente uma apresentação sobre a Colônia Z3 para ser apresentado na Universidade Federal de Pelotas. Esse processo evidenciou tanto engajamentos quanto barreiras. Por um lado, estudantes mobilizaram memórias familiares, saberes da pesca e narrativas sobre enchentes, revelando a potência das metodologias qualitativas para aproximar escola e território. Por outro, surgiram dificuldades ligadas ao trabalho precoce, às trajetórias de repetência e à desmotivação.

A fala de um dos estudantes que participou da Mostra reforça esse engajamento:

“Sim, apresentamos tanto o lado positivo, evidenciado pela praia e por algumas das belezas naturais, quanto o lado menos agradável, como as enchentes que enfrentamos nos últimos anos. Também mostramos como é o cotidiano da maioria dos

moradores: o contato direto com o peixe e a forma como ele representa o sustento de muitas famílias.”

As falas da professora de Sociologia permitem aprofundar essa análise. Ao justificar a escolha dos temas da Mostra, destacou:

“A escolha em apresentar trabalhos que remetem à Colônia Z3 se dá em valorizar o território, mostrar as belezas e saberes locais.”

Esse depoimento confirma que a atividade pedagógica não se restringiu a um exercício escolar, mas assumiu caráter formativo, permitindo que os estudantes mobilizassem memórias e práticas locais como parte legítima de seu aprendizado. Ao mesmo tempo, a professora ressaltou o potencial de ampliar horizontes educacionais:

“O maior aprendizado dessa experiência é que abre-se horizontes, gerando outras perspectivas de acesso à educação. Apresentar aos estudantes que a universidade é pública e que é um lugar pra eles. Além disso é um espaço de troca de saberes, contatos, construção de conhecimento, sociabilidade.”

Sua fala revela a centralidade da escola como mediadora entre território e projeto de vida, ao mostrar que a universidade pode ser um destino acessível para jovens da Z3, que muitas vezes não se reconhecem nesse espaço. A escola aparece, assim, como ponte entre a cultura da pesca, a experiência da enchente e a possibilidade de novos caminhos.

Nesse mesmo sentido, o estudante entrevistado destacou:

“Esse projeto nos lembrou que somos tão importantes quanto outras regiões e que a Z3 tem muito a oferecer. A escola teve um papel fundamental ao incentivar os alunos a participarem, buscarem conhecimento e sentirem orgulho do lugar onde crescemos.”

Outro ponto relevante foi a diferenciação entre os estudantes do Ensino Fundamental e os da EJA. A professora relatou:

“Os estudantes da Educação de Jovens e Adultos, diferentemente do público que se espera, atualmente é na maioria de jovens que reprovaram no turno da manhã e foram para a noite, motivados na expectativa de um ensino menos exigente. Os estudantes da EJA tiveram menos envolvimento, somente quatro estudantes demonstraram interesse em participar do passeio.”

Esses dados tensionam a visão comum de que o EJA é destinado a adultos trabalhadores. No contexto da Z3, a modalidade noturna tem se configurado como espaço de continuidade para jovens que já enfrentaram reprovações e dificuldades escolares, o que ajuda a compreender o menor engajamento desse grupo na Mostra, em contraste com as turmas do 8º e 9º ano, mais envolvidas nas fotografias e pesquisas. A análise evidencia que a escola opera em meio a contradições: ao mesmo tempo que valoriza e dá visibilidade aos saberes locais, também enfrenta o desafio de engajar estudantes cujas trajetórias são marcadas por frustrações e desigualdades. É nesse espaço de tensões que a escola da Z3 se constitui como lugar de

resistência e reinvenção, negociando sentidos entre território, cultura da pesca, enchentes e expectativas de futuro.

4. CONCLUSÕES

O percurso etnográfico tem mostrado que a escola da Z3 não é apenas lugar de ensino, mas também de memória, encontro entre saberes e resistência cultural. O acompanhamento da Mostra de Regiões aponta para a relevância de olhar simultaneamente para o 9º ano e o EJA, sem ainda estabelecer um recorte definitivo. A pesquisa segue em andamento, acompanhando práticas e processos que permitem compreender como a escola se constitui como espaço sociocultural em um território atravessado por crises ambientais e desigualdades sociais. Além da produção acadêmica, a pesquisa prevê uma devolutiva em forma de acervo escolar-comunitário, fortalecendo a relação entre universidade e comunidade e respondendo a demandas locais por registro e valorização de memórias.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DAYRELL, Juarez. **A escola como espaço sociocultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 1996.

DAYRELL, Juarez. **Múltiplos olhares sobre a escola**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. **Etnografia da duração: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas**. 1. ed. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.